

## **A PANDEMIA E OS PROFESSORES ALFABETIZADORES: UM OLHAR PARA A REDE PÚBLICA NO SUL DO BRASIL**

## **PANDEMIC AND LITERACY TEACHERS: A LOOK AT THE PUBLIC NETWORK IN SOUTHERN BRAZIL**

## **LA PANDEMIA Y LOS PROFESORES ALFABETIZADORES: UNA MIRADA A LA RED PÚBLICA EN SUR DE BRASIL**

Gabriel Pôrto César<sup>1</sup>

Helena de Oliveira Santiago<sup>2</sup>

Karine Isabel Schafer de Brum<sup>3</sup>

Hildegard Susana Jung<sup>4</sup>

**Resumo:** Este trabalho é sobre o impacto da pandemia nos anos iniciais da educação básica. O objetivo consiste em apresentar o ponto de vista e vivências de professores alfabetizadores da rede pública de ensino da região metropolitana de Porto Alegre durante a pandemia. A pesquisa é qualitativa e utiliza um questionário online para obter dados. Os resultados demonstram: a) a desigualdade social é fator determinante ao desenvolvimento das crianças, pois menos da metade acompanha as aulas remotas; b) a importância do apoio familiar à aprendizagem, buscando a autonomia; c) a possibilidade de interação entre professores e estudantes é uma preocupação docente.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Pandemia. Professores Alfabetizadores. Ensino Público. Desigualdade Social.

**Abstract:** This paper is about the impact of the pandemic in the early years of basic education. The objective is to present the point of view and experiences of literacy teachers from the public school system in the metropolitan region of Porto Alegre during the pandemic. The survey is qualitative and uses an online questionnaire. The results demonstrate: a) social inequality is a determining factor in the development of children, since less than half follow remote classes; b) the importance of family support for learning, seeking autonomy; c) the possibility of interaction between teachers and students is a teaching concern.

**Keywords:** Literacy. Pandemic. Literacy Teachers. Public education. Social inequality.

**Resumen:** Este artículo trata sobre el impacto de la pandemia en los primeros años de la educación básica. Presenta el punto de vista y experiencias de alfabetizadores del sistema escolar público de la región metropolitana de Porto Alegre durante la pandemia. La investigación es cualitativa y utiliza un cuestionario en línea. Los resultados demuestran: a) la desigualdad social es factor determinante en el desarrollo de los niños, ya que menos de la mitad sigue clases remotas; b) la importancia del apoyo familiar para el aprendizaje, buscando la autonomía; c) la posibilidad de interacción entre profesores y estudiantes es una preocupación docente.

**Palabras-clave:** Alfabetización; Pandemia; Maestros de alfabetización; Educación pública; Desigualdad social.

Submetido 03/02/2021

Aceito 13/04/2021

Publicado 13/04/2021

<sup>1</sup> Graduando em Pedagogia pela Universidade La Salle - Canoas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8929-0224>  
E-mail: gabriel.201311345@unilasalle.edu.br.

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade La Salle - Canoas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9452-6163>. E-mail: helena.201920228@unilasalle.edu.br.

<sup>3</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade La Salle - Canoas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2811-1792>  
Email: karine.201810601@unilasalle.edu.br.

<sup>4</sup> Doutora em Educação. Professora, coordenadora do Curso de Pedagogia e pesquisadora da Universidade La Salle – Canoas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5871-3060>. E-mail: hildegard.jung@unilasalle.edu.br.

## Introdução

Em 2020, a partir de março, o mundo sofreu com o impacto da pandemia da COVID-19, a qual “é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves” (BRASIL, 2020a). Por conta disso, foi iniciado o distanciamento social e também o fechamento do comércio e das escolas, para que, dessa forma, fosse evitada a disseminação do vírus.

Os impactos da pandemia causada pelo coronavírus são enormes, causando inúmeros transtornos. A educação sofreu alterações em seu funcionamento, tendo que adaptar-se a formatos que pudessem contemplar os estudantes da melhor forma possível. Diversos foram os métodos adotados pelas escolas, sendo que as aulas tiveram que migrar para o modelo remoto, por vezes de maneira síncrona, por vídeo chamada, por vezes assíncrona, com vídeos pré-gravados ou, ainda, na modalidade híbrida, incluindo tanto vídeo chamadas quanto materiais disponibilizados em plataformas digitais ou de forma física, entre outros.

A educação básica, desde o início, sempre foi concretizada dentro da sala de aula, havendo um professor e estudantes, alterando apenas os métodos e recursos utilizados, sendo no formato físico e presencial. Ao se depararem com a situação do isolamento social no ano de 2020, educadores tiveram que se adaptar à nova realidade. Dessa forma, seguindo a ideologia de Freire (1996, p. 55), “como professor crítico, sou um ‘aventureiro’ responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente”.

Em meio a essa nova realidade, aquelas escolas e instituições públicas que decidiram optar pelos estudos em um formato virtual enfrentaram muitos desafios por conta da falta de recursos das escolas, dos estudantes e dos próprios professores. Neste cenário, entendermos que dentro da educação, uma das fases mais complexas é a de alfabetização. A alfabetização é uma fase significativa que deve ser realizada no decorrer dos anos iniciais do ensino fundamental, como sinaliza a nossa Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB) (BRASIL, 1996). Entendemos por alfabetização, segundo Soares (2017, p.16), o “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”, e também a interpretação e o entendimento sobre o que está sendo lido, habilidade que a autora chama de letramento.

Devido à realidade do aumento de casos de Covid-19 no Rio Grande do Sul no início de 2021, este ano letivo iniciou com a efetiva aplicação de aulas remotas em todo o Estado. A necessidade de estudar a concepção e visão dos professores sobre a efetivação do ensino com

as modalidades viáveis neste cenário, fez com que emergisse a reflexão sobre a prática educativa que está se consolidando no mundo inteiro, que é a aproximação dos artefatos digitais em suas diversas facetas, bem como do ensino que não exige a presencialidade do estudante em um determinado espaço físico. Assim, o presente artigo tem como enfoque apresentar o ponto de vista e vivências de professores alfabetizadores da rede pública de ensino da região metropolitana de Porto Alegre durante a pandemia.

Para isso, além do embasamento teórico, utilizamos a aplicação de um formulário online, com um questionário abordando a alfabetização em tempos de pandemia e como transcorreu o ano letivo de 2020. Para a fundamentação teórica, utilizando a plataforma Google Scholar e livros do acervo particular dos autores, foram escolhidas obras de Paulo Freire, Magda Soares, Emília Ferreiro, Boaventura Santos, entre outros, possibilitando um maior entendimento acerca da educação, da alfabetização e sobre o impacto da pandemia. O estudo tem abordagem qualitativa e exploratória, utilizando a coleta de dados empíricos por questionário online e análise em consonância com embasamento teórico a partir das orientações de Bardin (2016).

3

O presente trabalho se estrutura com a descrição metodológica, explicando qual a abordagem utilizada, posteriormente passando ao referencial teórico, com autores que são responsáveis pelo embasamento textual. Em seguida, encontra-se a análise de dados, a qual utiliza as informações retiradas do questionário aplicado aos professores. Este nos possibilitou entender como foi a realidade das escolas e a de seus educadores que trabalham na fase de alfabetização de estudantes. Por fim, constam as considerações finais, explicando o que foi abordado ao decorrer do texto e deixando em pauta uma continuação para este assunto.

### **Metodologia**

A metodologia deste trabalho é de natureza básica pura, que é definida como aquela que é destinada à ampliação do conhecimento. A pesquisa, por seu objetivo exploratório, tem “como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2002, p.41).

Nesse contexto, o estudo utiliza o método qualitativo, o qual tem como foco abordar o mundo, entender, descrever e, por vezes, explicar os fenômenos sociais de maneiras diferentes (FLICK, 2009). Para além disso, foca no assunto como um estudo de caso, o qual consiste em

uma pesquisa aprofundada e exaustiva de um ou poucos objetos de estudo, de forma que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente improvável quando relacionada a outros delineamentos existentes (GIL, 2002).

Para conseguir fazer a utilização de tais métodos e perseguir o objetivo geral da pesquisa, que consiste em apresentar o ponto de vista e vivências de professores alfabetizadores da rede pública de ensino da região metropolitana de Porto Alegre durante a pandemia, foi utilizada a concepção de Gil (2008), quando diz ser possível, através do questionário, encontrar respostas. Segundo o autor, trata-se de uma técnica de investigação formada por um conjunto de questionamentos que são submetidos às pessoas, tendo como propósito obter informações sobre perguntas que desejamos que sejam respondidas. Dessa forma, elaboramos questões a serem respondidas por educadores.

Foi criado um *Google forms* (formulário do Google, online) contendo oito questões referentes ao ensino durante o período pandêmico do ano de 2020 para educadores alfabetizadores (o fator de inclusão foi a atuação em escolas públicas da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em turmas do 1º ao 3º ano do ensino fundamental). Acreditando que o questionário serve como ponto principal para a busca de dados empíricos, a pontuação trazida por Gil (2008), de que convém que apenas sejam incluídas e aplicadas questões extremamente necessárias, se torna imprescindível no momento da elaboração dos questionamentos. O processo de escrita do questionário se estruturou com um cronograma que foi precedido pela escolha do tema e a elaboração de objetivos. Essa agenda possibilitou a pesquisa bibliográfica, que se tornou o referencial teórico e amparou a elaboração do questionário, que foi aplicado de forma anônima (sem coletar dados dos participantes), entre os dias 17 de fevereiro e 05 de março do ano de 2021. Após o fechamento do formulário, foi feita a organização das informações coletadas e assim demos início à análise de dados.

Para responder ao questionário elaborado, foram convidados docentes de três escolas, sendo de municípios diferentes da região metropolitana de Porto Alegre. A escolha das instituições públicas deu-se pela proximidade dos autores da pesquisa com os gestores. Dessa forma, a participação dos sujeitos foi realizada de forma aleatória, tendo como critérios de participação os já descritos. Após tal organização, obtivemos 15 respostas, as quais foram interpretadas e analisadas à luz da teoria.

Pelo fato de o questionário ter sido criado em um sistema online, para as perguntas de múltipla escolha, o próprio *Google Forms* criou percentuais de acordo com as respostas obtidas, assim, facilitando a visualização. Para analisar esses dados, foi utilizado o programa Microsoft Excel 2020, o qual gerou gráficos para a melhor explanação das respostas. As demais questões dependiam de respostas dissertativas, sendo assim, cada educador respondeu de forma diferente, possibilitando-nos fazer citações juntamente ao texto<sup>5</sup>, como segue. Com relação aos aspectos éticos, os professores participantes da pesquisa foram convidados a ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), na abertura do questionário, o qual explica o objetivo da pesquisa e solicita a concordância em participar. Somente após clicar em “concordo” é que os participantes tinham acesso às perguntas<sup>6</sup>.

Por fim, para alcançar os resultados da análise feita, utilizamos os dados obtidos através do questionário, subsequente ao aporte teórico de autores que tratam sobre o assunto em pauta e finalizamos com nosso posicionamento em relação ao assunto tratado. Logo, é possível notar que foi realizada uma triangulação de abordagem qualitativa, a qual Duarte (2009) explica que significa olhar para o mesmo objetivo de pesquisa com diferentes pontos de vista. Dessa forma, as informações advindas de diversos ângulos podem ser utilizadas, desde a teoria, passando pelos dados empíricos e chegando às inferências dos pesquisadores, como sugere Bardin (2016).

5

### **Alfabetização: uma realidade desafiadora em meio à pandemia**

O ser humano pode ser visto como eterno aprendiz, mas há fatores potencializadores desse desenvolvimento. Um desses fatores que proporciona contribuição é a Educação, em especial a formal. A Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988) aponta que a Educação é meio de desenvolvimento humano que socialmente se estabelece como direito de todos, tendo em vista o objetivo de melhor preparar as pessoas para as demandas da vida e do mundo do trabalho.

---

<sup>5</sup> Para a inserção das citações os participantes foram numerados, aleatoriamente, com os números de 1 a 15 e a letra “P” de “Participante”: P1, P2, P3 e assim sucessivamente.

<sup>6</sup> Existe uma preocupação com a devolutiva dos dados coletados às escolas participantes. Dessa forma, após a publicação da pesquisa, os gestores receberão o link com a publicação, para posterior encaminhamento aos professores participantes.

A dinâmica de formação não apenas qualifica, mas é promotora de mudanças na estrutura da sociedade, movimento que viabiliza a discussão sobre estrutura social, classes e até de denúncias de injustiça social. Ao enfocarmos o contexto educacional, por vezes nos deparamos com o “mito do direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e o do que nelas conseguem permanecer é chocantemente irrisório” (FREIRE, 1987, p. 79). Tal afirmação, feita ainda no século passado, continua presente nas escolas brasileiras, pois durante o período da pandemia as desigualdades no atendimento educacional se ampliaram.

Ao abordar a temática da alfabetização e sua relação com a realidade educacional vivida em meio a uma pandemia, retomamos conceitos freirianos que nos esclarecem a importância do processo de ensino-aprendizagem tendo em conta a realidade do estudante. Para ampliar esse entendimento, recorremos a aspectos do processo de alfabetização com Magda Soares e Emília Ferreiro.

Com relação ao processo de alfabetização, Ferreiro (2001, p. 43) esclarece que “a escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade”. Sendo assim, entendemos por alfabetização um processo que vem acompanhado pelo letramento, a chamada leitura de mundo (FREIRE, 1996), pois cada indivíduo carrega consigo uma história com traços culturais, os quais devem ser respeitados e valorizados no momento da aprendizagem.

Freire (1996, p. 63) alerta que “respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento”. Portanto, é entendível que sem essa consciência, o educador não consegue dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem com os estudantes.

Seguindo com a reflexão do autor, Freire (1987) ainda apresenta uma perspectiva da ação docente que aproxima as pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem. Ao indicar que ensinar não é transferir conhecimentos, se desconfigura a ideia de um sujeito que age sobre um objeto que é receptor. Essa indicação lança o olhar para a dinâmica de professores que encontram e compreendem em seus estudantes outro sujeito, e assim são capazes de apresentar propostas que os envolvem em um processo de aprendizagem. Essas propostas serão mais que uma explanação, mas uma real construção de experiências em seu contexto.

A educação traz em si um potencial de dignidade e libertação. Neste cenário, a alfabetização é mais que um processo sobre palavras, é ação que promove o sujeito, chegando à identificação de alfabetizando, em processo de aprendizagem. O educando envolvido nesse processo traz consigo toda a leitura de mundo que faz. Segundo Freire (1996), essa leitura de mundo antecede a leitura da palavra, o que nos leva a compreender que é necessário considerar os conhecimentos prévios do estudante como um lastro sobre o qual serão construídos os novos saberes.

No livro *A importância do ato de ler*: em três artigos que se complementam, Freire (1989, p.13) inicia o escrito trabalhando suas experiências de alfabetização:

Este movimento dinâmico é um dos aspectos centrais, para mim, do processo de alfabetização. Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos.

Ou seja, o que trabalhamos na alfabetização precisa partir da leitura de mundo e conhecimentos prévios do indivíduo, dessa maneira tornando a aprendizagem significativa, a qual Moreira (1995, p. 153) explica a partir da teoria advinda da obra *Educational psychology: a cognitive view*, do autor David Ausubel do ano de 1968, escalrecendo que “A aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação ancora-se em conceitos ou proposições relevantes, preexistentes na estrutura cognitiva do aprendiz”.

Segundo a visão de Magda Soares sobre Paulo Freire e alfabetização, em seu livro *Alfabetização e letramento*, a autora defende que ele vai além do método, que o autor busca em sua concepção temas geradores para a tomada de consciência e que transformam as relações sociais em que se alfabetiza, saindo da ideia de aula e partindo para um entendimento de diálogo. Dessa forma, não trabalhando alfabetização apenas como a aquisição de uma técnica mecânica, mas como um processo libertador.

Soares (2017) defende a alfabetização como um dos meios da luta contra a discriminação e as injustiças sociais, de forma que o indivíduo seja consciente do seu direito à leitura e à escrita como exercício da conquista da cidadania. Logo, percebemos que os autores têm um pensamento linear da importância da alfabetização como direito e consciência social que fortalecem o indivíduo.

Como visto anteriormente, a escrita não é um produto escolar, porém, a alfabetização e o letramento são naturalmente vinculados à escolarização, sendo letramento o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes para o uso efetivo da tecnologia da escrita em práticas sociais que formam o indivíduo leitor e escritor (SOARES, 2003). Nesse processo da escolarização, de acordo com Soares (2003, p.111), “quanto mais os indivíduos participam de eventos e práticas escolares de letramento, mais bem-sucedidos são nos eventos e práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita”.

Portanto, após a leitura e reflexão dos conceitos trazidos anteriormente, entendemos que a alfabetização vem ancorada ao processo de letramento, sendo a primeira dependente da seguinte, entrelaçando-se. A partir disso, compreendemos que é necessário valorizar a leitura de mundo de cada aluno, para que o seu conhecimento prévio sirva como base para entender aquilo que está por vir, e assim ocorra uma aprendizagem significativa.

### **Dispositivos Legais e a educação em meio à pandemia**

No ano de 2020, logo nos primeiros meses, o Brasil recebeu a informação de que uma nova doença, a COVID-19, causada pelo coronavírus, estaria provocando diversos sintomas na população mundial e que nos casos mais graves poderia até causar a morte das pessoas. Por conta disso, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2020b) publicou a Portaria nº 356 de 11 de março de 2020, cujo Art. 1º determina: “Esta Portaria regulamenta o disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional em decorrência da Infecção Humana pelo coronavírus (COVID-19).”

Nessa Portaria está descrito que “§ 2º A medida de quarentena será adotada pelo prazo de até 40 (quarenta) dias, podendo se estender pelo tempo necessário para reduzir a transmissão comunitária e garantir a manutenção dos serviços de saúde no território” (BRASIL, 2020b) a qual foi se estendendo e ainda muitos locais, principalmente as escolas, no ano de 2021 continuaram se mantendo de portas fechadas para conter a proliferação do vírus.

A Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB), em seu artigo 32 (BRASIL, 1996, p.23), aborda elementos fundamentais dos primeiros anos de ensino, e a alfabetização é ressaltada no Inciso I, que retoma “o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita”. O mesmo artigo de lei, em seu quarto

parágrafo aponta o modelo de atendimento, “sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”. Assim, podemos perceber que a legislação já previa a possibilidade de ações pedagógicas de alfabetização a distância.

A pandemia trouxe tempos difíceis em muitos setores da sociedade e na educação não foi diferente. Os professores estavam habituados a alfabetizar interagindo presencialmente, mostrando e manuseando materiais, havendo suporte emocional e físico durante o processo. Somos seres comunicativos e o “diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual” (FREIRE, 1986, p.15). Logo, o contato direto que as crianças e jovens tinham com os professores, presencialmente, teve que ser substituído pelo encontro online, pelo abraço virtual, pela conversa via celular ou computador e, dessa forma, o suporte físico ficou aos cuidados dos familiares. Mesmo em meio à pandemia, devem ser seguidos os critérios descritos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), a qual indica que “nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita”.

Para atuar na prática, Freire (1996), em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, aborda o ato de ensinar como criação de possibilidades para a produção ou construção de conhecimentos, de modo que o educador se envolve no processo e aprende. Mas mais que ensinar e aprender, ele oportuniza ao outro a mediação de saberes, dinâmica que dá ao estudante papel significativo de ação em sua realidade, seja ela de uma aula presencial ou em uma aula remota.

Como dito, o ano de 2020 foi marcado pelo seu contexto pandêmico, o qual se estendeu para o ano de 2021. A Educação continua utilizando diversos meios para mediar o ensino-aprendizagem, sendo que o processo de alfabetização exige um olhar ainda mais atento a essa demanda. Dito isso, é possível perceber que a pandemia modificou a vida, tanto dos educandos, quanto dos educadores, pois todos tiveram que se reinventar, buscando as mais variadas metodologias e formas de trabalhar os objetos de conhecimentos, a fim de desenvolver as habilidades e alcançar as competências exigidas pela BNCC (BRASIL, 2018). De acordo com Cabral e Costa (2020, p. 51),

Hoje, pode-se dizer que o COVID-19 não veio somente para ceifar vidas ou causar o caos na saúde. Ele veio também para desestabilizar estruturas,

quebrar paradigmas, desconstruir concepções e, conseqüentemente, forçar à mudança de postura de muita gente, principalmente no campo educacional.

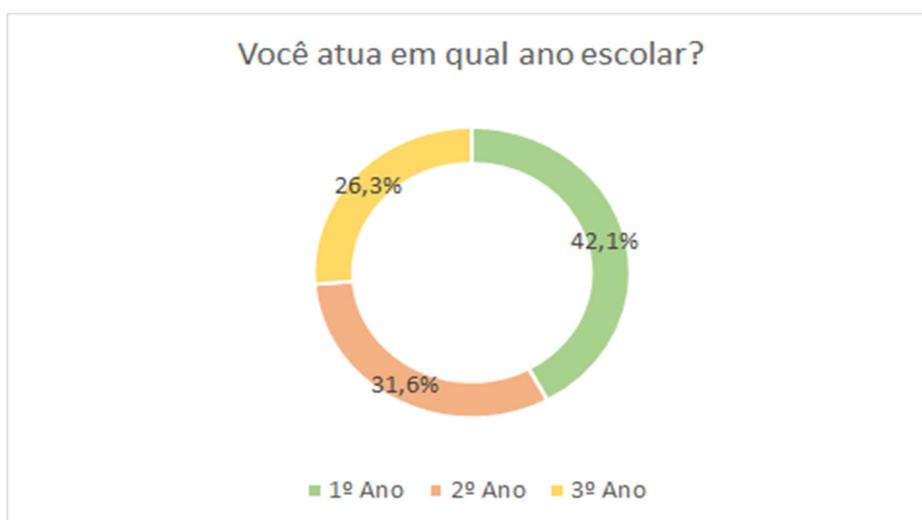
Sendo assim, podemos dizer que os questionários respondidos pelos professores foram um método para entender a realidade deles em meio à pandemia. As respostas obtidas podem ser reafirmadas através de autores clássicos e autores modernos, quando falam sobre questões que dizem respeito ao educando e suas leituras de mundo, às adaptações que tiveram que ser feitas, aos métodos e metodologias que precisaram ser repensados, tudo isso englobando uma educação significativa para tais alunos, a fim de proporcionar a eles um desenvolvimento integral.

### **Análise e discussão dos dados**

Os tópicos a seguir serão destinados à discussão e análise das respostas do questionário à luz da teoria.

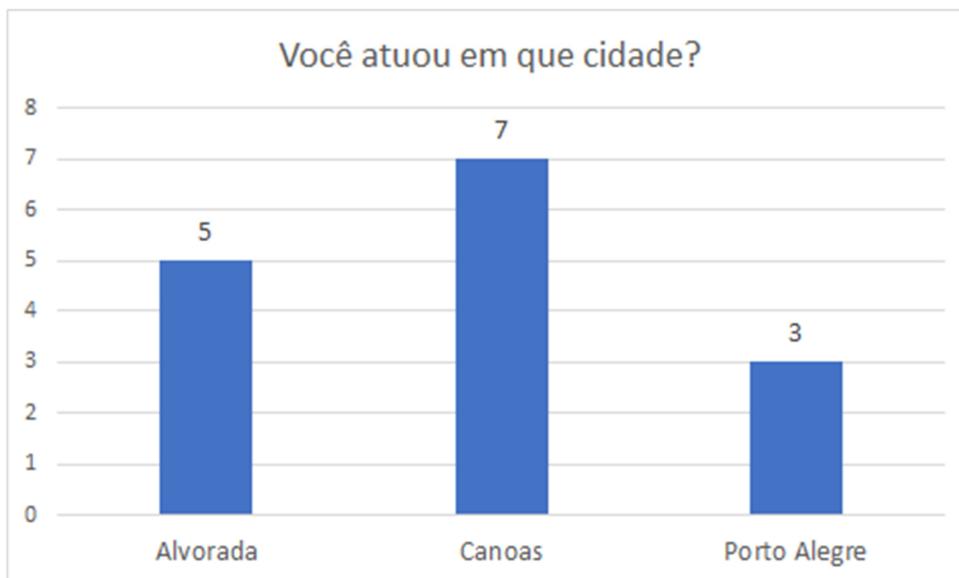
### **Realidade das escolas**

Os sujeitos da pesquisa consistiram em 15 professores da rede pública da região metropolitana de Porto Alegre. Trata-se de professores dos anos iniciais da educação básica. A seguir, como pode ser visto na figura 01, é apresentado o gráfico com as proporções dos anos em que esses educadores atuam.



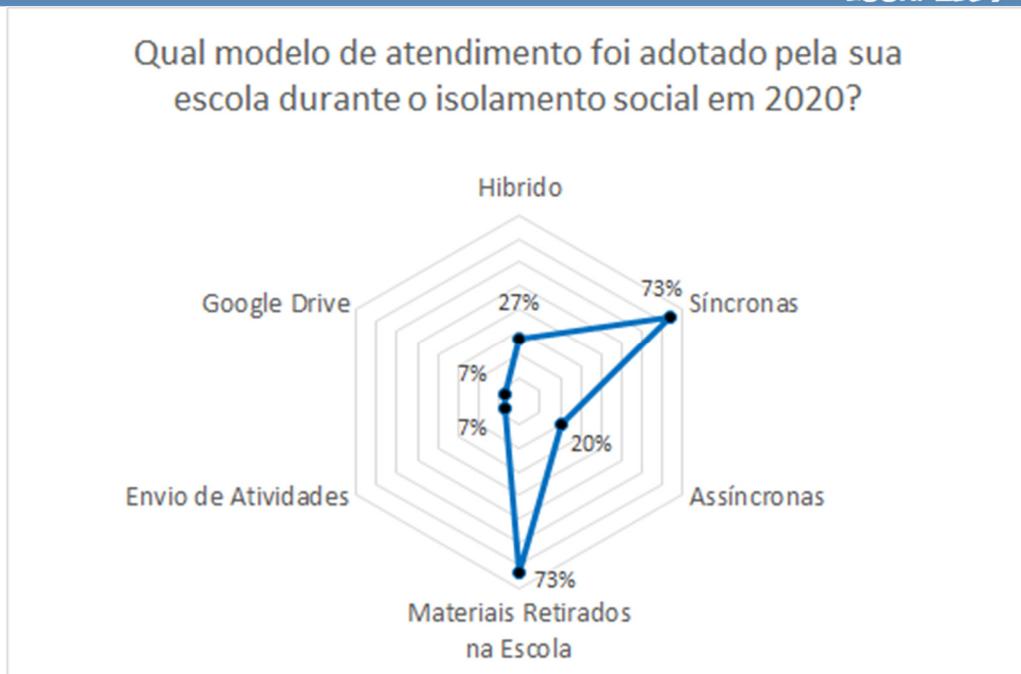
**Figura 01.** Ano em que os participantes da pesquisa atuam.  
Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Como vimos, a maioria dos professores esteve atuando no primeiro ano e alguns em mais de uma turma na mesma escola. Além de ser um questionário destinado aos professores alfabetizadores, também selecionamos apenas três escolas, uma de cada município da região metropolitana. A figura 02 apresenta o gráfico com as proporções das cidades.



**Figura 02.** Cidade em que os participantes da pesquisa atuam.  
Fonte: Dados da pesquisa, 2021

O gráfico mostra que 46,7% dos participantes atuam em Canoas, em seguida Alvorada com 33,3% e Porto Alegre com 20% sendo que, respectivamente, foram sete, cinco e três respostas de cada município. Em seguida começam os dados referentes à pandemia. Buscamos saber o modelo de atendimento adotado pelas escolas, de acordo com suas realidades, durante o ano de 2020 para melhor acompanhamento dos estudantes. A figura 03 apresenta o gráfico referente a esses modelos.



**Figura 03.** Modelo de atendimento adotado pelas escolas em que os participantes da pesquisa atuam. Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

A maioria dos participantes marcou mais de uma opção ao responder essa questão de múltipla escolha. Sabemos que, frente aos desafios das aulas à distância, os professores precisam levar em consideração que em uma turma encontram diferentes realidades. Novos desafios foram encontrados ao longo da pandemia. Cordeiro (2020, p. 23) ressalta que existem "problemas de conexão e engajamento dos estudantes à distância", o que implica também que, enquanto alguns estudantes conseguem acessar uma plataforma digital, outros precisam dos materiais físicos disponibilizados na escola ou por aplicativos como o *WhatsApp*.

Devido à realidade de cada escola e de seus respectivos estudantes, deve-se entender que é necessário dispor de vários métodos, buscando sempre alcançar o melhor para que a educação chegue a todos os estudantes. Essa realidade pode ser vista no gráfico apresentado acima, no qual as duas opções mais marcadas foram as aulas remotas síncronas e retirada de materiais na escola, salientando a desigualdade que encontramos em uma mesma região, onde alguns têm acesso à tecnologia - essa que pode falhar ou dispersar os estudantes - e outros não.

Dando continuidade ao questionário, a pergunta seguinte foi: quantos estudantes estavam matriculados para as aulas presenciais, antes da pandemia, e quantos participaram das aulas no período da pandemia da COVID-19? Das 15 respostas obtidas, cerca de 60% das

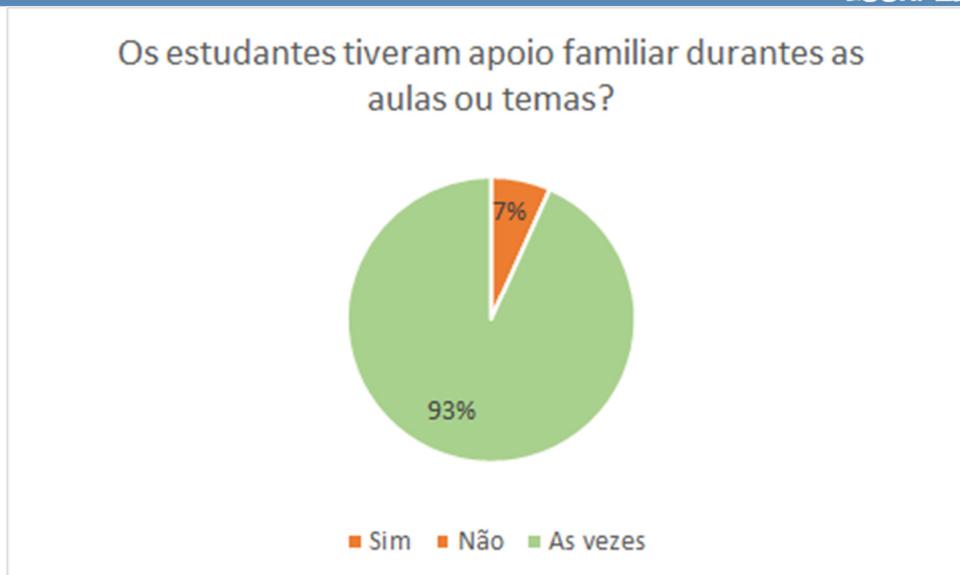
turmas tinham, no máximo, a metade dos estudantes participando ativamente e entregando as propostas enviadas. Em um relato obtido no questionário, foi compartilhado que

O retorno dessas atividades foi quase zero. O contato com os pais por telefone e watts (sic), foi feito, mas o professor fazia uma escuta dos problemas e dificuldades da família durante a pandemia. Desempregado e falta de alimentos. Muitas vezes chorei me sentindo impotente para ajudar. E pensava como aprender com fome e pais angustiados na luta da sobrevivência. (Participante 9, 2021)

Santos (2020) afirma que a quarentena é discriminatória, sendo muito mais difícil para alguns grupos sociais. Isso se dá por não terem apoio em casa ou condições para realizarem as tarefas. A pandemia e a quarentena prolongada fizeram com que muitos trabalhadores perdessem os empregos, que as crianças tivessem que ajudar em casa e que a maior preocupação das famílias fosse colocar comida na mesa, deixando de lado o estudo.

A questão da alimentação nos faz refletir o quanto a escola é importante na vida de sua comunidade, não apenas em seu contexto educacional, porém, também na parte de suporte a essas famílias. Santos (2020) alerta que, se as escolas fecham, acaba a merenda que é dada a essas crianças, a qual, muitas vezes, é a única opção de alimentação para elas, ou seja, durante a pandemia, em diversas escolas, esse direito de alimentação dentro da instituição durante o período de aula foi retirado desses estudantes, deixando-os vulneráveis à fome. Além disso, ao falar sobre a questão emocional, quando a educadora fala sobre o seu choro de preocupação, é importante ressaltar que o educador visa entregar um ensino de qualidade para seu aluno, mas entende que a realidade deles pode ser complicada e que talvez para que esse ensino seja aproveitado não depende somente dele, mas de outros aspectos que vão além dos muros escolares.

A quinta pergunta do questionário foi para analisar o apoio familiar durante esse período em que os professores não poderiam estar presentes fisicamente. A figura 04 mostra o resultado.



**Figura 04.** Apoio familiar aos estudantes durante o período da pandemia.  
Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Apenas um professor respondeu positivo sobre os estudantes que tiveram apoio familiar durante as aulas remotas e os demais indicaram a opção “às vezes”. O participante 11 comenta que as maiores dificuldades foram a “adaptação a essa modalidade remota, falta de acesso à internet, falta de tempo/paciência dos familiares para auxiliar na realização das atividades propostas”. Como visto anteriormente, o fator internet acabou sendo uma das maiores limitações na educação no ano de 2020, pois, assim como Sousa e Ribeiro (2020) explicam, mesmo as pessoas pensando que as famílias brasileiras já possuem o acesso quase universalizado à internet, poucas têm uma rede de qualidade que suporta as videoconferências, aplicativos pesados, etc.

Ao tratar do suporte dado ao aluno, o assunto se torna ainda mais delicado, pois “uma grande parte das famílias brasileiras vive em condições básicas de vida deficitária, então chega a ser algo perverso propor que cada um lute por si” (SOUZA e RIBEIRO, 2020, p.27). Por conta dessa realidade, os responsáveis de crianças e jovens que estudam, além de já estarem lutando pela sobrevivência diária, precisam prestar um atendimento ainda maior nesse momento, disponibilizando seu tempo e sua paciência, para assim ampará-los.

Outra postura foi observada, a de antecipação de resposta por parte dos familiares, quando no comentário do educador 7 é registrado: “não conseguimos perceber se o estudante está fazendo a atividade, ou recebendo respostas. Inclusive nas aulas online, os pais respondiam

para eles”. Analisando esse comportamento dos responsáveis, pode-se dizer que estão interferindo no processo de desenvolvimento desses estudantes. Neste sentido, Freire (1996, p.55) acredita que:

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade.

Sabemos que para o pleno desenvolvimento do indivíduo, a família é fundamental, e ela, segundo Sarmiento (2018) “é o primeiro contexto de desenvolvimento do ser humano, sendo que nele ocorrem as primeiras experiências em termos de relações interpessoais e socialização”. Portanto, o papel da escola e da família se aliam para que ocorra o desenvolvimento do educando. A pandemia anula a ideia da família como mera espectadora do processo e demanda a participação ativa.

Com isso, é relevante ressaltar que para o processo de alfabetização não é exclusivamente necessária a escolarização. Segundo Soares (2003) também é possível aprender em outros espaços que não o escolar, seja com a família, na sua comunidade ou na igreja. Tal afirmação pode ser vista na prática, pois no período pandêmico do ano de 2020, o ensino não foi realizado em ambiente físico escolar, mas fora dele, em outros contextos, ainda que com a mediação do professor.

15

### **Aula remota, impacto social e processo de alfabetização**

O modelo de atendimento remoto foi uma alternativa aplicada em momento de contingência social gerada pela pandemia. Neste cenário emergiu a vivência complexa e desafiadora, na qual os professores viveram o planejamento e aplicação de aulas remotas, os estudantes de educação básica tiveram suas aulas nesse modelo e as famílias precisaram se reorganizar, o que foi uma experiência nova para grande parcela da população.

A sexta pergunta foi direcionada para a percepção dos professores ao avaliar se os estudantes que passaram para o ano seguinte atingiram os objetivos da BNCC (BRASIL, 2018) relacionados à alfabetização, sendo esses: conhecer o alfabeto, mecânica da escrita e leitura, codificar e decodificar fonemas, letras e grafemas desenvolvendo a consciência fonológica. Das

15 respostas, seis responderam que os estudantes não atingiram os objetivos, sete responderam que alguns ou poucos, um informou que não foi possível avaliar e um respondeu que os estudantes atingiram os objetivos. O professor que indicou que os estudantes atingiram os objetivos, tinha uma das maiores participações ativas dos estudantes, sendo 26 matriculados e 18 que participavam das aulas remotas.

Ao observarmos a resposta ao questionamento acima, de que os alunos que tiveram resultados positivos foram os que estavam participando ativamente do processo de aulas síncronas, é possível perceber que quando há participação nas dinâmicas propostas, o ensino-aprendizagem se torna eficiente e gera bons resultados. Porém, mesmo sabendo disso, é compreensível que nem todos educandos conseguem acessar os materiais ou aulas síncronas disponíveis, pois como explicam Ribeiro e Sousa (2020, p. 69), “o Brasil, um dos países considerados democráticos, é também uma das nações mais injustas socialmente, onde poucos detêm a maior parte da riqueza e a maioria da população vive em grande pobreza”.

Dessa forma, percebemos que o processo de ensino-aprendizagem acontece na interação. A construção pode ser mediada virtualmente, mas para isso os estudantes precisam de efetiva participação durante as aulas remotas. Um professor relatou que os seus estudantes que passaram para o próximo ano com os objetivos alcançados foram os que tiveram auxílio familiar. Outros professores relataram que os estudantes não realizaram as atividades ou fizeram a devolutiva de materiais, e que por vezes essa dinâmica era decorrente da não supervisão e apoio familiar. Portanto, para que o estudante consiga se desenvolver de forma qualitativa, professores, estudantes e familiares precisam trabalhar juntos, promovendo e estimulando a participação ativa dos estudantes nas propostas de aulas remotas.

De acordo com os participantes da pesquisa, os estudantes que conseguiram acompanhar as aulas síncronas tiveram um bom desempenho durante o ano letivo, pois elas proporcionam uma interação e atenção do professor com o estudante. Freire (1996) afirma que um simples gesto do professor pode significar muito para o estudante, sendo uma força formadora. Logo, o participante 5 relata que “Os estudantes assíduos nas aulas síncronas conseguiram atingir os objetivos, pois as trocas são de suma importância para o aprendizado”. E o participante 4 diz que os estudantes atingiram os objetivos “Em partes. Pois os que só buscavam as atividades não tinham a explicação como os demais”.

Como observado na resposta anterior, durante o período de pandemia, “mediante as desigualdades sociais representadas pela escassez de recursos digitais, o ensino remoto vem sendo desenvolvido, em sua maioria através de atividades impressas, por ser uma das alternativas mais viáveis e com maior poder de alcance” (DE OLIVEIRA e ARAÚJO, 2020, p. 9). Porém, como a educadora relatou, se os estudantes mantiverem o contato escolar apenas por essas atividades, ficará ausente a socialização e interação com os demais.

A falta da afetividade presencial entre aluno e professor pode ter sido um fator determinante na educação desses estudantes, pois como Bemfica e Jung (2019, p.71) afirmam “estudos mostram que a afetividade é um grande aliado da aprendizagem e que os seres humanos são feitos de emoções, e a partir delas agem e reagem”. Sendo assim, entendemos que nessa educação sem essa troca de olhares e afetos, sem o toque, pode haver uma falha, a qual acabaria sendo um aspecto importante para que aqueles que não conseguiram participar dos encontros síncronos virtuais, não permitindo que fossem capazes de se desenvolver da mesma maneira que os demais.

Em seguida perguntamos quais métodos melhor se adaptaram à realidade virtual e quais precisaram ser revistos. As respostas variaram entre aulas síncronas, material lúdico, metodologias ativas, disponibilização de materiais, jogos, brincadeiras e vídeos pré-gravados. Mais de um participante informou que os recursos e métodos tiveram que ser constantemente repensados durante o processo. O participante 9 relatou que “tentamos todos os métodos e alternativas, repensava nossas propostas semanalmente e alternava os métodos seguidamente tentando atingir os objetivos”. Desse apontamento é perceptível que a docência precisa se reinventar todos os dias, acompanhando os avanços das tecnologias e a realidade dos estudantes. Segundo Monteiro (2020) “o convite para nos (re)inventarmos enquanto professores e professoras não é novidade. Ele já vem sendo feito há tempos. Talvez com outros nomes, mas sua natureza de (re)invenção permanece”.

Para finalizar o questionário, buscamos entender os desafios das escolas e perguntamos quais foram as maiores dificuldades em relação à alfabetização no ano de 2020. As maiores dificuldades relatadas são: falta de contato com os estudantes e responsáveis; manter estudantes participativos e motivados; falta de recursos necessários para o desenvolvimento das aulas remotas por parte das famílias; reformulação das práticas para modelo remoto. Apesar de ser possível desenvolver ótimas aulas no modelo remoto, é preciso de acesso às tecnologias e

participação ativa dos estudantes e famílias. Logo, os desafios mencionados não permitiram que se tornasse possível o pleno desenvolvimento de muitos dos estudantes das escolas em questão.

O esforço e dedicação dos professores durante o ano de 2020 foi notório nas respostas dos participantes da pesquisa. Monteiro (2020) compartilha que “[...] exercer nossa liberdade de escolha, assumir a responsabilidade por nossos atos, sustentados pela esperança de que em tudo há aprendizado”. Dessa afirmação podemos notar que os docentes em meio à pandemia, mesmo com todas as dificuldades, aprenderam a trabalhar com diferentes modelos de ensino remoto, com diversas ferramentas e aplicativos, possibilitando expressar sua afetividade à distância.

Como já citado anteriormente, a alfabetização não é um processo de ensino escolar, pois, como explica Ferreira (2001, p.43) “imersa em um mundo onde há a presença de sistemas simbólicos elaborados, a criança procura compreender a natureza destas marcas especiais”. Sendo assim, dentro ou fora do sistema educacional as crianças vão se alfabetizar, e como Freire (1967) relata, os educandos não devem ser chamados de analfabetos, e sim de alfabetizandos, pois sempre estarão sempre em processo.

Em virtude dos fatos mencionados, percebemos que a alfabetização dentro de instituições de ensino da rede pública do Rio Grande do Sul durante o ano de 2020, foi particularmente divergente dos anos decorridos anteriormente. Entende-se isso, pois após ler as respostas obtidas através dos questionários, em combinação com a teoria e pensamentos de autores clássicos e modernos, juntamente às nossas reflexões, constatamos que a educação ao longo da pandemia da Covid-19 necessitou sofrer adaptações para que seus estudantes fossem contemplados.

### **Considerações finais**

No estudo realizado a partir do questionário e referencial teórico, conseguimos apresentar o ponto de vista e vivências dos professores alfabetizadores de escolas da rede pública da região metropolitana de Porto Alegre, do estado do Rio Grande do Sul, durante a pandemia da COVID-19 no ano de 2020.

Ao longo da pandemia ficou evidente a desigualdade social, a qual sempre existiu em território brasileiro, mas nem sempre é lembrada. Ao se afastarem do ambiente escolar e terem

que fazer aulas síncronas e atividades remotas, muitas famílias demonstraram falta de acesso a recursos para conseguirem acompanhar esse método de ensino, focalizando apenas nos recursos impressos (aquelas atividades que poderiam ser retiradas na escola e realizadas sem o apoio da internet ou qualquer meio tecnológico digital). Esse aspecto aparece repetidamente nas respostas dos educadores no questionário.

Outro aspecto bastante remetido nas respostas foi o de que as crianças que tiveram o apoio familiar e os recursos necessários, como internet e um aparelho para assistir as aulas remotas, conseguiram se desenvolver no decorrer do ano, mesmo com todas as dificuldades encontradas. As aulas síncronas e a socialização com colegas e professores foram fundamentais para o desenvolvimento daqueles que conseguiram participar, tornando os encontros mais dinâmicos e significativos, principalmente nesse momento de distanciamento social.

Foi necessário, no decorrer do ano, fazer inúmeras modificações, alterando os métodos e formas de construir o conhecimento com os alunos. Dessa forma, a escola teve que se adaptar de maneira que contemplasse todos os estudantes. Por conta disso, os professores tiveram que fazer mais de um tipo de planejamento e atividades, para assim suprir as necessidades de diferentes realidades, mostrando que é possível uma educação afetiva mesmo com o distanciamento social. Neste sentido ficou claro, por meio da pesquisa, que as crianças que mais participaram das aulas remotas, mantendo o vínculo, ainda que à distância, obtiveram melhores resultados. Além disso, a família passou a desempenhar um papel essencial no que se refere à aprendizagem com autonomia.

Após a observação dos aspectos analisados, percebemos que a pandemia da Covid-19 trouxe inúmeras dificuldades para o mundo todo, em diversos aspectos, porém, ao tratar do tema educação, entendemos que muitas foram as perdas como, por exemplo: conhecimento, socialização, afeto, tornando-se um ano marcante na vida dos estudantes e educadores. Dado o exposto, por mais que os prejuízos tenham sido incontáveis, sabemos que diferentes situações podem gerar aprendizagens, e é dessa forma que devemos refletir: Durante o ano letivo de 2020, o que foi possível aprender? Identificamos educadores se reinventando, estudantes aprendendo de forma diferente. Entendemos que a tecnologia digital pode ser usada a favor da educação, que existem outros métodos de ensino-aprendizagem e que a adaptação a novos desafios, por vezes, se faz necessária.

Sendo assim, tendo em vista os aspectos observados, entendemos que foi possível apresentarmos a visão de educadores alfabetizadores da rede pública de três municípios da região metropolitana de Porto Alegre. Como limitações da pesquisa, podemos citar a pequena participação dos educadores nas respostas ao questionário, o que é compreensível em um contexto de muito trabalho. Mesmo com o resultado em mãos, acreditamos que o tema é abrangente e pode ser fragmentado em outros diversos objetos de estudo como, por exemplo, a perspectiva das famílias e/ou das próprias crianças sobre a aprendizagem em tempos de distanciamento social. Assim, será possível entender melhor como a pandemia afetou a vida desses estudantes e educadores e, futuramente, observaremos quais serão os vestígios deixados e como trabalhar com eles.

## Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BEMFICA, Patricia da Rosa; JUNG, Hildegard Susana. A afetividade na educação infantil como agente transformador. *In*: FOSSATI, Paulo; JUNG, Hildegard Susana; CASAGRANDE, Cledes. (org) 2. ed. **Aspectos da docência e da aprendizagem: processos emergentes**. Canoas: Unilasalle, 2019. - (Pedagogia, epistemologia e prática docente) Disponível em: [http://svr-net20.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1247/1/Aspectos\\_da\\_docencia\\_e\\_da\\_aprendizagem.pdf#page=66](http://svr-net20.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1247/1/Aspectos_da_docencia_e_da_aprendizagem.pdf#page=66) Acesso em: 15 mar. 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Brasília: Edição 1. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf).

BRASIL. Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença**: o que é COVID-19. 2020a. Disponível em: <https://bit.ly/2SrBREc> Acesso em: 12 mar. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 356, de 11 de março de 2020**. Dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). 2020b. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346> Acesso em: 03 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm) Acesso em: 07 mar. 2021.

CABRAL, Tatiane; DA COSTA, Enio Silva. A pandemia e as aulas remotas: a reinvenção da prática docente. *In*: RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza; SOUSA, Clara Maria Miranda; LIMA, Emanoela Souza Lima (org.). **Educação em tempos de pandemia: registros polissêmicos do visível e invisível**. 1. ed. Petrolina: UNIVASF, 2020 Disponível em: <https://cutt.ly/1xDaUMz> Acesso em: 03 mar. 2021.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. **O impacto da pandemia na educação: a utilização da tecnologia como ferramenta de ensino**. Disponível em <<http://repositorio.idaam.edu.br/jspui/handle/prefix/1157>>. Acesso em: 14 de março de 2021.

DE OLIVEIRA, Jerffeson Miguel; ARAÚJO, Zilda Tizziana Santos. Desafios e estratégias do trabalho docente no cenário de pandemia. *In*: **Congresso Nacional de Educação: Educação como (re)Existência: Mudanças, conscientização e conhecimentos**. VII, 2020, Maceió. Anais eletrônicos. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_MD1\\_SA4\\_ID5142\\_21\\_082020150801.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA4_ID5142_21_082020150801.pdf) Acesso em: 20 mar. 2021.

DUARTE, Teresa. **A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)**. 2009

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa: coleção pesquisa qualitativa**. Bookman Editora, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância de ler: em três artigos que se complementam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 18.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo, Atlas, 2008.

MONTEIRO, Sandrelena da Silva. **(Re)Inventar Educação Escolar no Brasil em tempos da COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/552>. Acesso em: 14 de março de 2021.

MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: Pedagógica e universitária, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Almedina: Abril, 2020.

SARMENTO, Dirléia Fanfa; MENEGAT, Jardelino; WOLKMER, Antonio Carlos. Direitos Humanos: uma Construção Histórica. In: Sarmento, Dirléia Fanfa et al. **Educação em Direitos Humanos**: dos dispositivos legais às práticas educativas. Porto Alegre: Cirkula, 2018.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: Ribeiro, Vera Masagão. **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF. São Paulo: Global, 2003.

SOUSA, Clara Maria Miranda de Sousa; RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza. A “roda viva” da história em meio a disseminação do ódio. In: RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza; SOUSA, Clara Maria Miranda; LIMA, Emanoela Souza Lima (org.). **Educação em tempos de pandemia**: registros polissêmicos do visível e invisível. 1. ed. Petrolina: UNIVASF, 2020 Disponível em: <https://cutt.ly/1xDaUMz> Acesso em: 01 mar. 2021.